



sala preta
ppgac

DOI: 10.11606/issn.2238-3867.v16i2p269-272

Dossiê Sobre a Cia. Brasileira

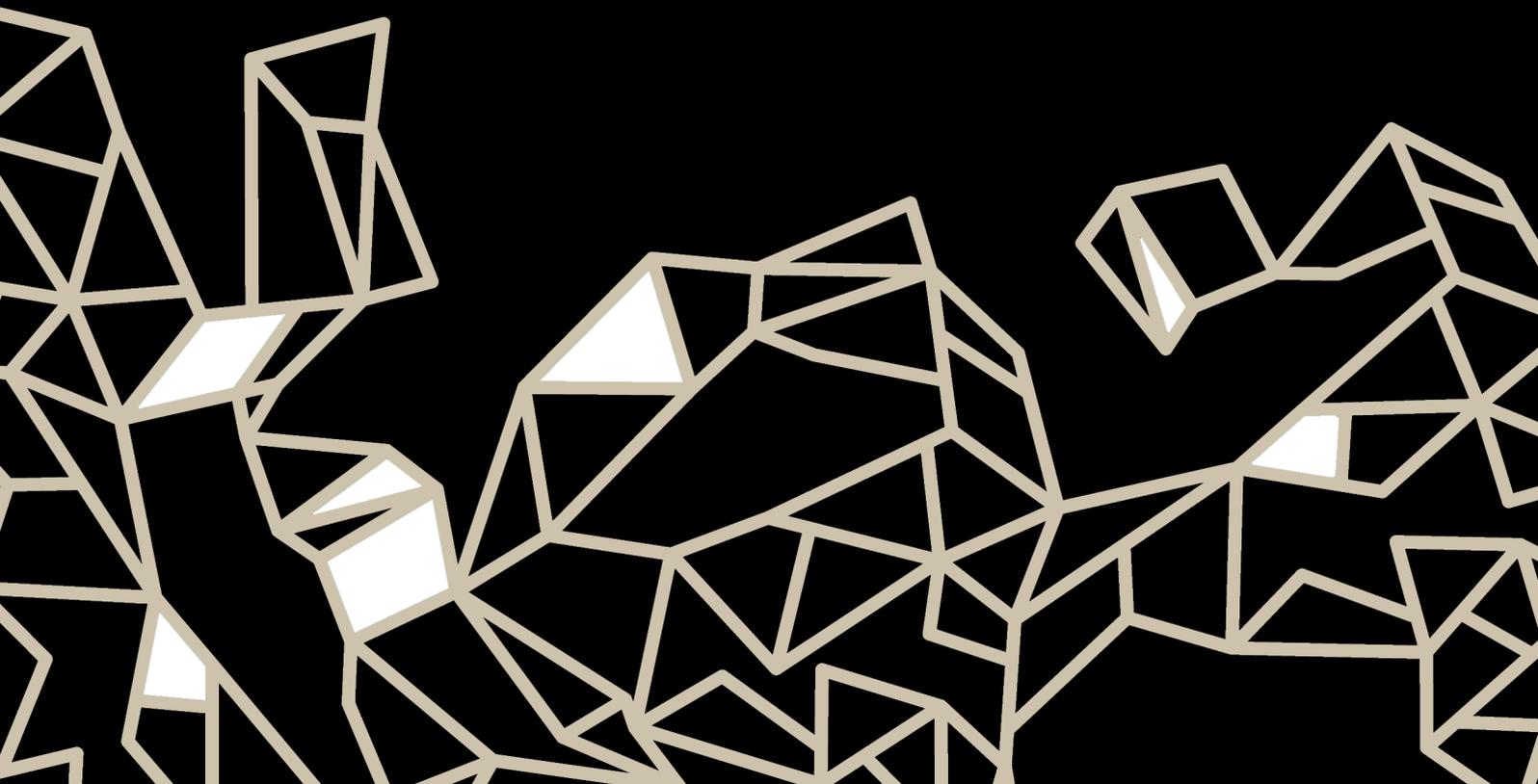
Lançar

To throw

Maria Clara Ferrer

Maria Clara Ferrer

Professora do Departamento de Letras Artes e
Cultura da Universidade Federal de São João Del
Rei. Encenadora, dramaturga e tradutora.



A uma amiga, que ao sair de uma apresentação de *Nós* me perguntou como reconhecer Marcio Abreu, respondi à queima-roupa: “é um rapaz leve com olhos de bola de gude”. Não sei ao certo de onde me veio essa imagem e sei menos ainda por que falo disso aqui. Sei somente que no digitar veloz do WhatsApp me deparei com aquelas bolas de gude entre os dedos. Parei e olhei dentro delas, em meio a suas cores esquisitas e seus vivos reflexos do mundo...

Um rosto-olho, belo e brilhante, acenava para mim. Era Marcio. Há tanto “ar” em Marcio. Sua presença oxigenava um dia abafado. As nuvens estavam prestes a explodir. Estávamos prestes e sabíamos disso. As nuvens acenavam o fim. Bebemos e comemos e bebemos. As folhas começaram a despencar. Foram caindo palavras, em diferentes ritmos, umas resistiam melhor do que outras à gravidade, algumas até voavam, umas eram silenciosas, outras detonantes. Éramos espectadores daquela alteridade. E, suspensos, escutamos o provisório não cair da chuva. Era poroso e potente estar ali.

Mal sabia eu, ao responder à mensagem de minha amiga, que nos próximos meses conviveria tanto com o rapaz dos olhos de bola de gude, pensando e compondo junto dele o dossiê que tenho aqui o prazer de apresentar.

Agradeço o convite e a confiança de Luiz Fernando Ramos e Sílvia Fernandes, e a toda equipe da revista *Sala Preta* pela possibilidade de desenvolver este espaço de reflexão coletiva sobre o trabalho do autor e diretor Marcio Abreu. Poder reunir pedagogos, pesquisadores e artistas, tecendo ricos encontros em torno de um objeto teatral tão denso e atual, foi uma experiência altamente estimulante.

Agradeço aos autores com os quais compartilho a eminente necessidade de pensar o teatro de Marcio Abreu, obra que desperta em nós uma sede de reflexão e o inegável desejo de uma crítica criativa. Os textos apresentados nesse dossiê, como se contaminados pela fúria intelectual e pelo espírito rapsódico do artista, não temem em suas análises a complexidade da obra de Abreu. Eles ousam um verdadeiro diálogo artístico e filosófico com os conceitos e ideias que permeiam as criações do autor-diretor. Esse diálogo manifesta-se, muitas vezes, através de formas inusitadas, como cartas, diário de anotações, conversas, trocas de e-mails, deslocando as expectativas da crítica acadêmica para um território híbrido, intrinsecamente poético e político.

Obrigada a cada de um vocês, autores, por “tomar esse risco para si”

Como primeira leitora deste dossiê, me situo nesse espaço de convivência e de distância que caracteriza a experiência da leitura. Escrevo lendo, leio escrevendo. O que segue é uma tentativa de tradução daquilo que (me) mexe e move agora, ao percorrer o entre linhas, palavras, pontos e páginas deste dossiê. O que segue, portanto, são apenas as reverberações ainda vibrantes dessa primeira leitura – como aqueles círculos concêntricos que se desenham na superfície de um rio ao mesmo tempo em que a pedra lançada vai tocar o fundo.

Aqui se fala de escuta. Fala-se da anatomia e da liturgia da escuta. Fala-se de ética. Fala-se da desalienação dos nossos ouvidos. Fala-se de pausas coloridas. Fala-se daqueles grandes corais com crianças de beca e pastas vazias. Fala-se do canto-congado da avó. Fala-se de uma campana de trompa acariciando a barriga grávida. Fala-se do fazer silêncio. Criar um silêncio como prova de amor. Fala-se de um amor poli-fônico. Fala-se de um homem-orelha indo em direção ao fundo do palco. Fala-se do cair do pano no sexto ato.

Aqui se fala de público. Fala-se da escuridão.

Aqui se fala de uma “humanidade acebolada” deixando seus vestígios de pele pela lama. Fala-se de água derramada e de línguas falidas. Fala-se de vírgulas varridas. Fala-se de corpos quadrúpedes e carnes vermelhas. Fala-se dos despencares dos troncos e do tropeçar das ideias. Cabeças gagas, tantos hiatos, caras de apneia. Fala-se da goela que fraqueja, da náusea que desponta. Fala-se do despertar da gargalhada. Fala-se da narração fissurada. Fala-se de lascas da história e de goles de guerra, camadas instáveis de uma frágil epopeia. Fala-se do drama da presença. Fala-se de nudez biológica. Nudez política. Nudez mítica. Fala-se do ponto-nu e do nu-cor. Fala-se de uma interpolação de nós.

Aqui se fala de matemática. Linhas letradas, chão de fonemas. Fala-se de uma geometria de folhas Chamequinho. Fala-se de sílabas calculadas. Fala-se de discursos em espiral e de paredes de papel. Fala-se de nomes que agem. Fala-se de escrituras em cruz. Flechas incertas e quismos certos. Fala-se do esquecimento das falas e da precisão do acender. Fala-se da desapareção do maiúsculo e da

disseminação do feminino. Fala-se da distensão do abrir da porta. Fala-se do passo a passo cauteloso ao entrar. Fala-se da paciente e refinada escolha de como dizer.

Aqui se fala do esquentar de uma mão invisível. Fala-se do suportar o não saber. Conviver. Conviver. Conviver. Repetições domésticas. Fim de festa e festa sem fim. Fala-se de sopa e de lama. Fala-se de cabelos longos e lentos abraços. Fala-se de famílias circulares. Fala-se da sedução necessária. Fala-se de gestos de amizade. “Amizade como princípio de cidadania.” Fala-se da janela agora aberta. Fala-se de terras de verde. Fala-se de índios destronando o poder. Fala-se de beijo político. Fala-se de uma floresta de balões. Fala-se da estrada para São João. Fala-se de sirenes em Chelsea e silêncio no Japão. Fala-se de explosões. Fala-se de atos. Fala-se de golpe. Meses turvos e trágicas datas. Agonia. Fala-se de uma série de golpes. Fala-se de retirada à força. Calar e cegar. Fala-se de estupro. Fala-se de feridas e de amputações. O congelar dos sonhos. Fala-se do futuro do pretérito. Projetos minúsculos. Fala-se de um país em coma. Fala-se de danças de luto. Fala-se de luta contra a ausência. Resistência em carne viva, mas viva.

E viva, desejo que seja essa leitura.

Paro e lanço as bolas de gude.

Recebido em 16/10/2016

Aprovado em 31/10/2016

Publicado em 21/12/2016